A nova rota da Seda

O crescimento econômico Chinês de forma acelerada influencia diretamente a configuração do cenário mundial. De acordo com a Fundação Alexandre de Gusmão, com dados baseados no World Economic Outlook Database – Fundo Monetário Internacional(FMI), a China se mantém em segundo lugar no ranking de maiores economias do mundo no que diz respeito ao PIB. Entre 1990 e 2009, segundo estatísticas do FMI, o país passou de nonagésimo para o segundo lugar no Ranking das maiores economias na última década. Entre os anos de 1995 a 2005 desfruta de um crescimento anual de no mínimo 9%. Nesse contexto de crescimento, a China anuncia uma nova estratégia para interagir com o mundo: A nova rota da Seda. O objetivo é recriar o modelo comercial da rota da seda de 2000 anos atrás que tinha o país como centro da economia entre Europa e Ásia. A presente pesquisa objetiva compreender as implicações da política externa contemporânea Chinesa com o projeto *Belt and road initiative* no Sistema Internacional.

Durante o fórum de cooperação internacional sobre o *Belt and road initiative* em 2017, o discurso de Xi Jinping relembra o modelo de cooperação possibilitado pela rota da seda, onde não somente trocas comerciais foram impulsionadas, mas também desenvolvimento entre nações. As palavras proferidas remetem às ideias do já considerado mais ambicioso plano da história contemporânea: *belt and road initiative*. Inicialmente o projeto objetivava aumentar a presença continental da China, interligando o oeste do país a Ásia a partir da criação de infraestrutura terrestre, como rodovias e trens de alta velocidade. No entanto, este se institui hoje em conectar países de todo o mundo a partir de uma rota terrestre e uma rota marítima, com corredores de transporte, diminuindo assim a dependência das rotas comerciais tradicionais. De antemão arquitetado para China, Europa e África, permanece em aberto para qualquer país interessado, inclusive os da América Latina, propondo, além de estimular o comércio, facilitar investimentos, promover intercâmbio cultural e auxiliar o desenvolvimento de infraestrutura regional. Em prática já existem diversas iniciativas: a União Econômica Eurásiana da Rússia; o Plano Master de Conectividade da ASEAN e acordos bilaterais com mais de 60 países. Anunciado primeiramente em 2013, os investimentos contarão com um fundo composto pela Administração Estatal de Política Externa em sua maior parte, assim como pela corporação de investimento da China, Banco de desenvolvimento Chinês e Banco de exportação e Importação Chinês, com um total de 40 bilhões de dólares, e mais 70 bilhões de dólares de investimento do governo, além de contar com possíveis financiamentos de bancos internacionais como o dos BRICS e o Banco Asiático de Investimento em

infraestrutura. O cenário internacional contemporâneo, marcado por forte multipolaridade, faz com que a iniciativa Chinesa esbarre em uma infinidade de possíveis limitações inerentes não só à logística, mas à conflitos de interesses políticos e econômicos com outros países. Ainda assim, entre críticas e apoios, o megaprojeto chinês avança e exige que pesquisadores se engajem em debates sobre o futuro que já está acontecendo.